

Notas





O Romance da Rosa (c. 1225)

GUILHERME DE LORRIS (c. 1200-1230)

Trad.: Sonia Regina Peixoto, Profa. Eliane Ventorim, Prof. Dr. Ricardo da Costa (UFES) Revisão e notas: Eliane Ventorim e Ricardo da Costa; Revisão gramatical: Profa. Larissa Brommonschenkel Soares

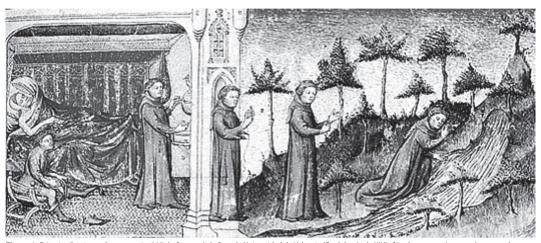


Figura 1. Primeira iluminura do manuscrito 387 do Roman de la Rose da Universidad de Valencia (final do século XIV). São duas cenas: à esquerda, a casa do poeta e seu despertar, exatamente como no texto; à direita, os primeiros passos de seu sonho, quando encontra o rio (uma alegoria do rio da vida), que o poeta segue até chegar ao jardim. Ele sente o desejo de sair porque é maio, mês da primavera no hemisfério norte, do início da vida, quando as árvores ficam verdes e os pássaros cantam melodiosamente, enfim, o momento ideal para o desabrochar do amor.

Alguns dizem que nos sonhos não existem senão engano e mentira, mas às vezes se podem ter sonhos que não mentem e que, com o passar do tempo, revelam-se verdadeiros. Para demonstrar isso, apresento um autor que se chamava Macróbio: ele não tomou os sonhos como brincadeiras, pelo contrário, escreveu uma obra sobre o sonho que teve o rei Cipião. [2]

Apesar de tudo, se alguém pensa ou diz que é loucura e ignorância acreditar naquilo que sonhou, quem assim considera, que me tenha por louco, pois sei que o sonho adverte o bem e o mal que acontecerá às gentes. Além disso, são muitos os que durante a noite sonham coisas obscuras, as quais depois se apresentam com clareza.

No vigésimo ano de minha vida, idade em que o amor cobra imposto aos jovens, uma noite me deitei, como de costume, e dormi profundamente. E tive um sonho formosíssimo que muito me agradou: não houve nada que depois não tenha ocorrido tal e qual o sonho me mostrara. Agora desejo contá-lo em versos para agradar aos corações [3], pois assim me pede e ordena o Amor.

Se alguém deseja saber como deve ser chamado o Livro que agora inicio, ele se chamará O *Romance da Rosa*, e nele estão contidas todas as artes do Amor. O assunto é bom e novo; Deus queira que o receba com gosto aquela por quem inicio essa obra: ela vale tanto e é tão digna de ser amada que deve se chamar Rosa. [4]

Parecia maio, faz cinco anos pelo menos. Sonhei que era maio, tempo de amor e de prazer, tempo em que tudo se alegra: os arbustos e as sebes [5] se cobrem de folhas nesse mês. Os bosques recobram seu verdor, pois se mantiveram secos durante o inverno; e a mesma terra sente orgulho pelo orvalho que a molha, esquecendo a pobreza em que ficara durante o inverno. A terra se torna tão vaidosa que deseja usar um vestido novo, e isso não é difícil, pois ela dispõe de cem



pares de cores: a erva, as flores violetas, azuis e de muitos tons distintos – tal é o vestido que vejo que utiliza a terra para embelezar-se.

Os pássaros que haviam permanecido calados enquanto fazia frio e quando o tempo era hostil e rigoroso, com a chegada de maio, com o bom tempo, ficam tão contentes que mostram com seu canto o prazer que têm no coração, e se vêem impulsionados a cantar. Então, o rouxinol [6] se esforça com seus silvos e gorjeios e também o papagaio e a calhandra [7]. É o momento em que os jovens começam a ficar contentes e a se enamorar, graças ao suave e doce tempo. Pois aquele que em maio não ama, tem um coração muito duro, pois ouve em vão os pássaros que cantam nos ramos.

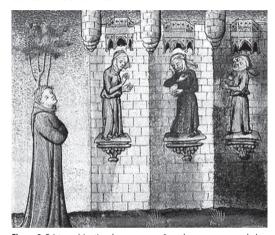


Figura 2. Existem vários tipos humanos que não podem cruzar o muro do Jardim do Amor. São figuras alegóricas das atitudes que o poeta não deve ter se deseja se apaixonar. As figuras estão pintadas do lado de fora do Jardim para que todos conheçam quais são os vícios rechaçados pelo amor: todo aquele que deseja ingressar e formar parte da milícia do amor deve esquecê-los e nunca praticá-los. Algumas dessas alegorias são oriundas de Prudêncio, outras foram elaboradas por Guilherme de Lorris, que se baseou na tradição existente sobre a poesia amorosa. Da esquerda para a direita: a *Felonia* (o maior crime do mundo feudal, pois rompia com todos os compromissos da vassalagem), a *Malquerença* (de azul) e a *Vilania* (alegoria de forte conteúdo moral, pois era unida à avareza, à covardia e à infidelidade), o oposto da cortesia.

Nessa época tão agradável, em que todo ser vivo se esforça para amar, certa noite sonhei que me encontrava [8]. Enquanto dormia, pareceume que era muito cedo. Levantei-me da cama, calcei-me e fui lavar as mãos. Depois, peguei uma agulha de prata de uma alfineteira formosa e bela, e me dispus a costurar. Então, me veio um desejo de sair da cidade para escutar os gorjeios dos pássaros que cantavam alegremente nos

bosques pela chegada da nova estação. Assim, enquanto costurava o bordado, deleitava-me, escutando as avezinhas que cantavam nos jardins que começavam a florescer.

Alegre, contente e cheio de prazer, dirigi-me a um rio que ouvia próximo dali, pois não me ocorria um lugar melhor para me distrair do que as margens daquele rio. A água caía de uma colina próxima com força e ímpeto. Era clara e tão fria como a do poço ou da fonte. O rio era um pouco menor que o Sena, porém mais largo. Até então, eu nunca vira este rio tão agradável. Sentei-me para contemplar aquele lugar aprazível, refresquei-me e lavei o rosto com aquela água transparente e clara. O fundo era coberto e empedrado por pequenos cascalhos e a margem banhava um prado formoso e belo. A manhã era ensolarada, tranquila e luminosa. Fazia um dia agradável. Através do prado, junto à margem do rio, fui descendo o curso de água.

Em pouco tempo deparei-me com um grande e alegre jardim completamente rodeado por um muro alto. A parte externa da parede tinha desenhos, esculturas e títulos ricamente pintados. Com grande prazer contemplei essas figuras e imagens, que irei contar e descrever tal como as recordo.

No centro vi a *Malquerença*. Ela dava a impressão de estar triste, aflita e de ser perversa; parecia evidente que desejava provocar e molestar, porém se mantendo oculta a todos. Parecia uma mulher pobre, porque não estava bem vestida. Tinha o semblante enrugado e franzido, e seu nariz era chato. Essa horrível e depreciável mulher cobria-se com um véu.

Ao seu lado esquerdo havia uma figura de aspecto diferente; li o nome que tinha na cabeça: chamava-se *Felonia* (Fig. 3).

À direita, vi uma imagem que tinha o nome de Vilania: era semelhante às outras duas, tanto no aspecto quanto na forma. Como era insolente, dava a impressão de ser uma má e louca criatura, disposta a causar danos e a falar mal de todos. Eu saberia pintar e retratar muito bem o que fazia tal imagem, pois ela parecia realmente uma coisa vil, como se estivesse cheia de injúrias e fosse uma mulher pouco disposta a prestar honra a quem devia.

A seguir, estava pintada a *Cobiça*, aquela que incita as gentes a tomar, a não dar nada, a juntar





Figura 3. Para poder desfrutar da vida cortesã simbolizada pelo Jardim do Amor seriam necessárias certas qualidades morais, além de dons naturais e meios de fortuna suficientes. Esta é a razão pela qual às figuras ficam do lado de fora do Jardim. Aqui o poeta contempla a *Avareza*, como no texto, com uma bolsa de moedas em uma das mãos e as roupas rasqadas.

grandes riquezas; é quem faz com que muitos emprestem com usura, pois está sempre querendo reunir e juntar bens; é quem aconselha aos ladrões e aos malfeitores para que se ponham em movimento. Ela é um grande erro e uma grande desgraça, pois através dela muitos acabam sendo enforcados. A Cobiça é quem faz tomar as coisas dos outros, roubar, usurpar e vender mal, diminuir e enganar nas contas; é a criadora dos trapaceiros, dos charlatães que, seguindo seu conselho, privam donzelas e jovens de suas justas heranças. Esta imagem tinha as mãos encurvadas e retorcidas - é lógico ser assim, pois a Cobiça sempre se esforça em tomar o bem alheio sem escutar razões, já que gosta demasiadamente do que é dos outros.

Ao lado da Cobiça havia outra figura, chamada *Avareza*: era feia, suja, magra, fraca e de má aparência, verde como um alho-poró [9], tão pálida que parecia doente e morta de fome ou que vivia somente de pão amassado com água sanitária forte e abrasadora. Além de estar fraca, vestia-se pobremente: trazia uma cota velha, destroçada e cheia de remendos, como se houvesse sido jogada aos cachorros. [10] Ao seu lado, pendurada em uma fraca presilha, estava seu manto e uma cota parda. O manto não era de boa linhagem: era de má qualidade, desgastado,

de lã negra, aveludada e pesada. A cota devia ter mais de vinte anos, mas a Avareza não se preocupava com suas vestes. Ela não sentiria muito por esse traje, ou porque estava usado, ou porque já não lhe servia, já que necessitaria de um vestido novo; pois a *Avareza*, aquela que não gosta de gastar, prefere passar grande penúria a fazer isso.



Figura 4. A *Tristeza*, representada por uma jovem mulher enferma que arranhou o próprio rosto, descabelou-se e feriu os seios à mostra com as próprias unhas.

Ela havia escondido na mão uma bolsa costurada e fechada com tanta força, que se passaria um bom tempo antes de se tirar algo dela, embora isso lhe importasse pouco, pois ela não tinha a intenção de tirar nada da bolsa.

A seguir, estava pintada a *Inveja*, que nunca havia sorrido em toda a sua vida, e nunca havia se alegrado por nada, a não ser por ter visto ou escutado alguém contar uma grande desgraça: nada a agradava tanto quanto a dor e a calamidade. O que ela mais gosta é de ver que um grande infortúnio caiu sobre uma pessoa próxima. Então, ela alegra seu coração da mesma forma quando vê uma grande linhagem ser destruída ou insultada. Contudo, se contempla alguém que cresce em honra graças ao seu bom senso e por seus próprios méritos, isso é o que mais lhe fere, pois se entristece quando acontece algo bom.

A Inveja é tão cruel que não mantém a lealdade com seus companheiros e não admite companheirismo; ela é inimiga de todos os seus familiares, pois certamente não deseja o bem nem para o seu pai. Contudo, é certo que ela paga



caro por sua maldade, pois sofre tanto e sente tanta dor quando as pessoas fazem o bem, que pouco falta para se desmanchar. Desse modo, seu coração traidor a golpeia, e então Deus e os homens podem se vingar.

A *Inveja* nunca deixa de falar mal dos outros: se conhecesse o mais nobre de todos que existe desse lado do mar ou do outro, ela tentaria ofendê-lo; e se fosse um homem tão íntegro que ela não conseguisse fazê-lo cair de seu mérito, nem derrubá-lo, ao menos lhe agradaria diminuir seu valor e sua honra, falando dele o menos possível.

Na pintura vi que a *Inveja* tinha um olhar mau, pois não olhava de frente, somente de soslaio, dissimulando; esse era um mau costume seu, não contemplar nada abertamente, pelo contrário, só fechava um olho com desprezo, desdenhando e ardendo de raiva ao ver alguém nobre, formoso ou gentil, querido e estimado por todos.



Figura 5. A *Inveja*, com a longa mão direita no coração para mostrar o sofrimento que sente quando se faz o bem. Repare que as imagens crescem em tamanho à medida que são apresentadas, indicativo da grandeza do mal que a Inveja provoca na Terra.

Junto à *Inveja*, bem próxima dela, a *Tristeza* estava pintada no muro: pela cor, parecia que levava luto no coração, e dava a impressão que padecia de icterícia [11]. A *Avareza* não a superava nem em palidez, nem em fraqueza, pois a aflição e a pena, a preocupação e os enjôos que sofria dia e noite haviam feito com que perdesse a cor e ficasse magra e pálida. Ninguém nunca teve um sofrimento e uma dor semelhantes a que ela parecia ter. Acredito que ninguém seria capaz de fazer com que ela se alegrasse; ela tampouco queria se regozijar e aliviar com nada a dor que sentia em seu coração, pois o tinha demasiadamente triste, e seu penar havia se enraizado profundamente.

Bem se via que estava aflita, pois há pouco tempo havia arranhado seu rosto, dilacerando-o em muitos lugares, como quem está triste. Tinha os cabelos despenteados e soltos sobre o colo, revolvidos pela pena e pela aflição. Estou seguro que ela chorava amargamente: quem quer que a visse, por mais duro que fosse, sentiria uma grande misericórdia por ela, que continuamente se arranhava, se golpeava e se maltratava com os punhos.

A infeliz, a pobre, mostrava bem a sua dor e não se preocupava em se alegrar, em bailar ou dançar, pois quem tem o coração aflito sabe que não tem vontade de se deleitar com a dança e com o baile. Aquele que está triste não se abranda com a alegria, pois o gozo e a aflição lhe são contrários.

Logo depois, estava retratada a *Velhice*, um passo atrás do lugar que deveria ocupar, pois ela mal se mantinha em pé, de tão velha e maltratada. Sua beleza havia murchado, tornara-se muito feia. Tinha a cabeça velha e branca, como se os cabelos tivessem florescido. Meu Deus, sua morte não seria uma grande perda nem uma grande desgraça, pois todo o seu corpo havia secado e se enrugado pela idade. Seu rosto, cheio de rugas, outrora fora suave e liso; agora estava repleto de cicatrizes. Suas orelhas eram cabeludas e não lhe restava nenhum dente, pois havia perdido todos. Era tão velha que parecia que não podia andar quatro passos sem a ajuda de muletas.

O tempo, que corre noite e dia sem pausa nem repouso, passa por nós tão silenciosamente que por um momento acreditamos que ele se deteve, quando na verdade nunca descansa nem deixa de correr, de forma que não se pode pensar que existe o presente; e, se perguntares a um homem douto nas letras, antes que ele tenha respondido, haverá transcorrido três tempos. O tempo, aquele que não pode ser detido e que sempre avança sem voltar, como a água que flui sem que regresse uma gota; o tempo, a quem ninguém resiste, nem o ferro, nem qualquer outro objeto duro; o tempo, que faz com que as coisas cresçam depressa, que rapidamente cria e tudo destrói e faz apodrecer; o tempo, que envelheceu nossos pais, que envelheceu prematuramente reis e imperadores, e que todos nós tornará velhos e adiantará nossa morte; o tempo, que tem o poder de envelhecer todas as coisas, a havia envelhecido tanto que, em minha opinião, fez com que ela não pudesse amparar-se sozinha, e assim, a fez



retornar à infância, pois não tinha mais capacidade, nem força e juízo que um menino de um ano de idade. Embora, segundo creio, ela tivesse sido discreta e culta quando estava na idade madura, nada havia lhe restado e ficara atordoada.



Figura 6. A *Velhice* usa um cajado para se apoiar e tem o corpo recoberto por um longo manto azul, pois sente frio. Ela é o exato oposto do amor, que é uma paixão ardente. Portanto, a *Velhice* também está proibida de entrar no *Jardim do Amor*.

Ela trazia uma capa forrada – se não me recordo mal – com a qual se abrigava muito bem e cobria seu corpo. Devia ser um manto quente, caso contrário, teria morrido, pois os velhos sentem frio, sabei-o, tal é sua natureza.

Atrás dessa imagem havia outra representada, e que manifestava claramente sua falsidade: chamava-se *Hipocrisia*. É ela que, mantendo-se oculta, quando ninguém pode se defender, faz todo o tipo de dano, sem nunca se preocupar. Externamente, parece mover-se pela compaixão, tem aspecto simples e piedoso, e parece uma santa criatura; porém, sob o céu não há desgraça que em seu íntimo não tenha imaginado.

A imagem que a representava se parecia muito com ela, pois tinha um aspecto simples: estava calçada e vestida como uma mulher devota; na mão levava um saltério e, sabei-o, esforçava-se em oferecer a Deus falsas orações, invocando santos e santas. Não estava alegre, nem contente, parecia inclinada somente a fazer boas obras. Vestia um tecido áspero de lã e não era gorda, pelo contrário, dava a impressão de que estava cansada de jejuar, por causa de sua cor pálida e moribunda.

A ela e aos seus estava proibida a entrada no Paraíso, pois segundo o Evangelho, este tipo de gente afina seu rosto para ser enaltecido na cidade. Por isso, por obterem um pouco de vanglória, serão privados de Deus e de Seu reino.

Por último, estava retratada a *Pobreza*, que carecia de bens e que havia sido pintada desnuda como um verme, pois havia vendido seus vestidos. Se a estação fosse outra, penso que morreria de frio, pois tinha somente um saco velho forrado com pedaços de pele – tal era sua cota e seu manto – não trazia mais nada para vestir e tiritaria muito de frio. Ela se mantinha um pouco afastada das demais, como um pobre cão num canto; encolhia-se e se cobria, pois qualquer coisa miserável sempre sente vergonha e despeito, esteja onde estiver. Maldita seja a hora em que foi concebido um pobre! Ele nunca será bem alimentado, nem bem vestido e calçado, ninguém o quererá, e ele não receberá elogios!

Tal como contei, essas eram as imagens que se viam por toda a parede, pintadas de ouro e de azul. O muro era alto e tinha uma forma quadrada; dentro havia um jardim onde ninguém nunca havia entrado, nem mesmo um pastor. O lugar era magnífico. Eu ficaria muito agradecido se alguém me levasse lá para dentro mediante escadas ou escadarias, pois, em minha opinião, não se poderia encontrar um gozo ou uma alegria semelhantes às que havia naquele jardim. O lugar não estava disperso nem era tacanho para abrigar aves. Nunca houve um espaço tão rico de árvores e de pássaros cantores – ali havia três vezes mais que em todo o reino da França (Fig. 7).

Era muito agradável ouvir a harmonia de seus cantos, pois alegravam todo o mundo. Regozijei-me tanto que, se estivesse livre, não aceitaria cem libras para não ver a reunião dos pássaros que ali dentro cantavam danças de amor e notas agradáveis, formosas e belas, com muito gozo. Que Deus os salve!

Ao ouvir o cantar dos pássaros, comecei a pensar de que maneira ou com que astúcia eu poderia entrar no jardim. Não encontrei nenhum lugar para passar: sabeis que ignorava se havia uma entrada, um caminho ou uma trilha; não havia ninguém que pudesse me guiar, já que estava só. Encontrava-me derrotado e muito triste, até que, por fim, entendi que em um pomar tão formoso como aquele não haveria uma porta, escada ou qualquer outra forma de entrada. Então dei a volta muito depressa ao redor da cons-



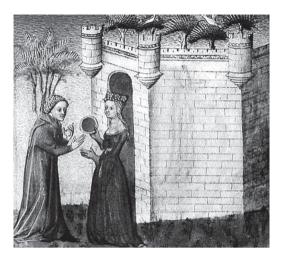


Figura 7. Ociosa é o primeiro personagem que o poeta conhece e que vive no interior do Jardim. Ela tem um espelho em uma das mãos, que pode ser associado à luxúria, já que é um atributo de Vênus, e Ociosa é sua representação, embora na tradição de André Capelão (séc. XII), a luxúria está descartada do amor cortês [12]. Quando Ociosa mostra o espelho ao poeta, está lhe ensinando o reflexo do mundo que existe dentro do Jardim, sendo, portanto, também a representação da água (o rio do início do poema). Além disso, associa-se com o mito de Narciso, que surgirá adiante no texto. Com a aparição de Ociosa, o poeta se insere na tradição da poesia amorosa, pois Ovídio diz que devemos fugir da ociosidade para evitar as flechas de Cupido [13], idéia adotada também por André Capelão.

trução e do muro quadrado, até que encontrei um portão pequeno e estreito que estava bem fechado. Não havia nenhum outro lugar de entrada. Parei de procurar e chamei à porta. Chamei e bati bastante; muitas vezes prestei atenção se ouvia chegar alguém.

Por fim, uma donzela nobre e formosa abriu o portão, que era de carpelo. [14] Essa donzela tinha os cabelos loiros como uma bandeja de cobre, seu rosto era mais doce que um pequeno pintinho, sua fronte brilhava, tinha as sobrancelhas arqueadas e bem separadas, amplas e bem proporcionais, seu nariz era bem-feito e seus olhos eram vivos como os de um falcão. Para dar inveja aos loucos, tinha um vigor doce e agradável, um rosto branco e escarlate, uma boca pequena e carnuda e uma pequena cova no queixo; seu colo era bem proporcional e a pele era mais suave que um velocino [15], sem cravos ou espinhas – daqui até Jerusalém não havia mulher com o colo mais charmoso, pois o dela era reluzente e muito suave ao tato; seu pescoço era tão branco que parecia como a neve recém caída sobre os galhos das árvores.

Seu corpo era elegante e esbelto: era inútil buscar em outras terras um corpo feminino mais belo. Trazia uma formosa auréola de seda e ouro. Nunca houve uma donzela tão elegante, nem que se vestisse melhor; bem a vi e a contemplei. Sobre a auréola de seda e ouro ela trazia uma guirlanda de rosas frescas [16]; tinha na mão um espelho, e na cabeça um rico fixador prendia seu cabelo trançado. Para dar maior elegância, as duas mangas de seu vestido estavam costuradas, e para evitar que suas mãos brancas se sujassem, ela usava luvas também brancas. Vestia uma cota de rico tecido verde de Gand [17], com um cordãozinho bordado em volta. Por seu aspecto, bem se via que tinha pouco o que fazer. Penteando-se, vestindo-se e preparando-se: era assim que passava o dia. Para ela, fazia sempre bom tempo e era sempre maio, pois nada a preocupava nem a inquietava, a não ser se arrumar com elegância.

Quando a donzela de corpo formoso abriu o portão, com bons modos lhe dei graças, e lhe perguntei como se chamava e quem era. Ela não se mostrou altiva nem desdenhosa ao responder:

- Sou chamada *Ociosa* por meus conhecidos. Sou uma mulher rica, afortunada, e levo uma vida agradável, pois com nada me ocupo senão gozar e desfrutar, pentear-me e fazer-me tranças. Sou amiga íntima de Lazer, o jovem, o agradável, dono deste formoso jardim: ele trouxe da terra de Alexandria as árvores que aqui estão plantadas. [18] Depois, quando elas cresceram, fez construir ao redor do pomar o muro que vistes e ordenou que pintassem na parte externa as imagens que há, que não são nem belas, nem agradáveis, mas dolorosas e tristes, tal como acabais de ver. Muitas vezes vêm aqui para se divertir e ficar à sombra. Lazer e seus seguidores, que vivem em contínuo gozo e alegria. Agora Lazer deve estar aqui dentro, escutando o canto dos rouxinóis, dos melros [19] e de outros pássaros; ele se entretém e se distrai nesse pomar com suas gentes. Não poderia encontrar um lugar mais belo, nem um lugar melhor para desfrutar. Sabeis que as gentes mais formosas que poderíeis ver são os companheiros de Lazer, que os traz a seu lado e os guia.

Quando *Ociosa* terminou de falar, eu, que escutava com atenção, disse-lhe:

— Senhora Ociosa, não me leve a mal: já que



Lazer, o belo, o nobre, está aqui nesse pomar com suas gentes, gostaria, se pudesse, de estar em sua reunião nessa mesma tarde. Tenho que ir, pois penso que a visão deve ser agradável e creio que os participantes serão corteses e bem educados.

Sem dizer mais nada, entrei no pomar pela porta que Ociosa abrira. Quando estive dentro, senti-me alegre, contente e gozoso; encontrava-me como no Paraíso Terreno, estejais certo. O lugar era tão agradável que parecia coisa própria do espírito e, segundo me parecia, em nenhum paraíso se poderia estar tão bem como naquele pomar que tanto me aprazia (Fig. 8).

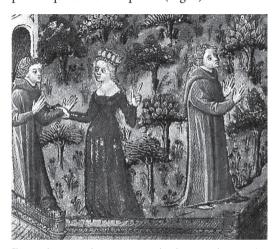


Figura 8. Ociosa, coroada, segura o poeta pelo pulso e assim ele entra no Jardim do Amor (na cena, a figura do poeta se repete para demonstrar os dois momentos). Nesse segundo momento (à direita), ele ingressa no mundo cortês, já que o Jardim é a representação ideal de um microcosmos: tanto a vegetação quanto os pássaros são manifestações do amor, e o Jardim é o locus amoenus da literatura medieval, reflexo imperfeito do Paraíso, natureza domesticada e refúgio do mundo nobiliárquico. A tradição literária do ocidente registra a estória desse tema, desde a Bíblia até André Capelão, passando por Guilherme de Lorris (Altercatio Phyllidis et Florae).

Havia numerosos pássaros cantores reunidos por todo o jardim: em um lugar havia rouxinóis, em outro, gaios [20] e estorninhos [21]; e, em outros lugares, havia bandos de pombas-rolas e estrelinhas-de-poupa [22], de pintassilgos [23], de andorinhas, de cotovias e de chapins. [24] Mais adiante, havia muitas cotovias que já estavam cansadas de competir no canto e, com elas, havia melros e tordos [25] que tentavam superar os outros pássaros com seus silvos. Em outro lugar, havia papagaios e muitas aves que, nos jardins e bosques que habitavam, deleitavam-se com seu belo canto. [26]

Os pássaros de que estou falando faziam um bom trabalho, pois cantavam como se fossem anjos espiritualizados e, ao ouvi-los, eu me alegrava, pois nenhum homem vivo ouviu antes uma melodia tão doce. Era um canto tão agradável e formoso que não parecia de pássaros, e sim com o canto das sereias do mar, chamadas assim por suas vozes puras e doces.

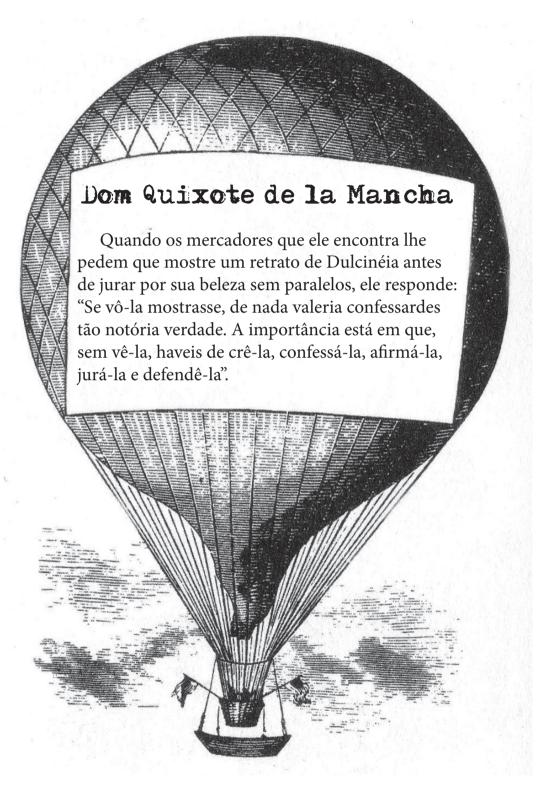
Os passarinhos estavam atentos ao canto, pois esteja seguro de que não eram nem aprendizes nem ignorantes. Ao ouvi-los e ao ver o verdor do lugar, fiquei muito alegre, mais do que havia ficado até então; e, pela amenidade do jardim, me enchi de gozo a tal ponto que me convenci de que Ociosa me havia servido bem, proporcionando-me tal bem-estar. Eu devia tê-la como amiga, já que me abriu a porta daquele bosque cheio de árvores.

E agora, conforme meus conhecimentos contar-vos-ei tudo o que aconteceu. Mas antes de tudo, dir-vos-ei o que Lazer estava fazendo e quem eram seus acompanhantes, mas sem me estender em demasia. Depois, descrever-vos-ei o bosque sem ocultar nada. Não posso fazê-lo todo de uma vez e, por isso, vou contar ordenadamente, para que não possam me censurar nada.

Os pássaros cumpriam seu dever doce e agradável, cantando lais de amor e canções corteses, uns com voz alta, outros em tom baixo. [27] O canto não era nada depreciável, e a melodia conseguiu que a doçura voltasse a brotar em meu coração. Depois de escutar um pouco os pássaros, não pude resistir aos meus desejos de estar diante de Lazer para ver seu aspecto e contemplar sua pessoa. Sem deter-me, fui à direita, por uma pequena trilha cheia de erva-doce e de menta, e não demorei em encontrar o Lazer, pois estava no bosquezinho em que me meti. Ali estava se distraindo com pessoas de tanta beleza que, ao vê-las, perguntei-me de onde poderiam ter vindo, pois eram como anjos com asas: nunca vi jovens mais belos. Puseram-se a bailar ao coro e ao som das canções que lhes cantava uma dama chamada Alegria.









HIS BETHEVERSE YOU GRAVE FOR ME: HERE HELIES WHERE HE LONGED TO BE. HOME IS THE SAILOR HOME FROM THE SEA, AND THE HUNTER, HOME FROM THE HILL.



Roma. Complesso del Vittoriano. 8 de setembre a 15 octobre 2006. Letteratura disegnata (Hugo Pratt)

Nonada n 25.indd 10 23/05/2012 15:51:07



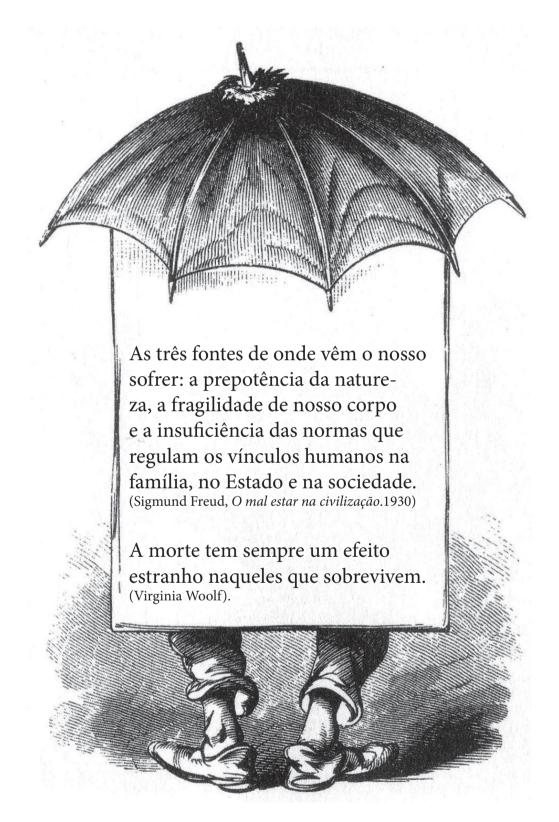


Roma. Complesso del Vittoriano. 8 de setembre a 15 octobre 2006. Letteratura disegnata (Hugo Pratt)

James Joyce

"Velho irlandês de Blasket que tinha vivido em sua ilha desde que nascera e nada sabia sobre o continente e seus costumes. Certa feita, porém, ele se aventurou até lá, e num bazar deparou com um espelhinho, coisa que nunca tinha visto. Comprou o espelhinho, afagou-o, contemplou-o e quando remava de volta a Blasket tirou-o do bolso, olhou para ele um pouco mais detidamente e murmurou: 'Ó papai, papai'! ciosamente guardou o objeto longe da vista de sua mulher, mas ela observou que ele estava escondendo algo e começou a desconfiar. Num dia quente, quando ambos trabalhavam nos campos, ele pendurou o paletó numa sebe, ela viu nisso a sua chance, correu até à sebe e tirou de um bolso o objeto que seu marido mantinha tão secreto. Mas quando se olhou ao espelho exclamou: 'Ora, é apenas uma velha!' e, irritada, atirou-o contra uma pedra, espatifando-o".







Tive a infelicidade de começar um livro com a palavra 'eu', e de imediato se supôs que, em vez de descobrir leis universais, estava analisando a mim mesmo, no sentido mesquinho e detestável da palavra.

(Queixava-se Proust no final da vida)

"Nós nos apaixonamos, bebemos muito, corremos por toda a Terra de um lado a outro como ovelhas assustadas. E agora você está prestes a se perguntar se, afinal de contas, não teria sido melhor ficar sentado em casa junto à lareira, e ser feliz pensando".

(Citado por Manguel, Alberto)

Viajar com esperança é melhor do que chegar.

(Robert Louis Stevenson)





(





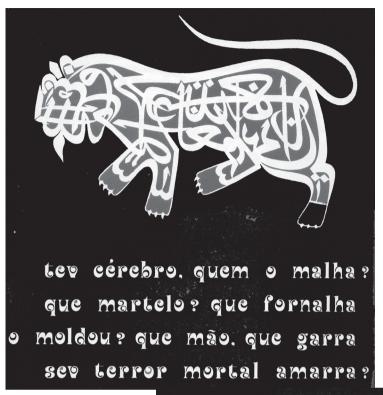


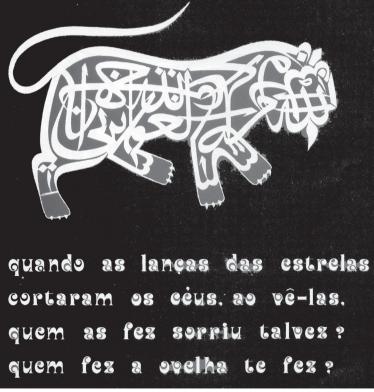














Indicadores culturais





Saki. Um gato indiscreto e outros contos. Hedra. 2009.

Edward Lear. Viagem numa peneira. Livros da Tribo & Iluminuras.



- * Sobre Michelangelo da Merisi da Caravaggio. 1573 Caravaggio, Lombardia 1610 Porto Ercole, Sicília, Itália.
- A Corrida Para o Abismo O Gênio Caravaggio Dominique Fernandez Bertrand Brasil.
- · Caravaggio. Taschen.



- Caravaggio. Abril Coleções.
- Caravaggio The Complete Works, de Sebastian Schütze. Taschen.
- Caravaggio. Roberto Longhi. Cosac Naify.
- Caravaggio. Filme de Derek Jarman.
- Colore del sole. Ficção de Andrea Camilleri. Oscar Mondadori. Roma.
- A lição de Caravaggio. Obras primas da Galleria Nazionale d'arte antica di Roma.



JEROME DAVID SALINGER:

- O apanhador no campo de centeio, 1951.
- Nove estórias, 1953.
- Franny e Zooey, 1961.
- Carpinteiros, levantem bem alto a cumeeira/ Seymour: uma introdução, 1963.

ENRIQUE VILA-MATAS:



- Bartleby e companhia
- A viagem vertical
- Paris não acaba nunca
- O mal de Montano
- Dublinesca



HERMAN MELVILLE:

Moby Dick, Cosac Naify, 2011.



RICHARD ZENITH/JOAQUIM VIEIRA

Foto-biografia de Fernando Pessoa, Companhia das Letras, 2011.





Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PRESIDENTE DA SOCIEDADE MINEIRA DE CULTURA E GRÃO-CHANCELER DOM WALMOR OLIVEIRA DE AZEVEDO
REITOR PROF. DOM JOAQUIM GIOVANI MOL GUIMARÃES VICE-REITORA PROFA. PATRÍCIA BERNARDES
SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO PROF. MOZAHIR SALOMÃO BRUCK

Nonada

Nonada • n. 24 abr./jun. 2012 • Belo Horizonte • Minas Gerais • Brasil

EDITOR HAROLDO MARQUES SECRETÁRIA DE CULTURA E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS MARIA BEATRIZ ROCHA CARDOSO SECAC BONIFÁCIO JOSÉ TEIXEIRA, HAROLDO MARQUES, JOSIMAR DA SILVA AZEVEDO AV. DOM JOSÉ GASPAR, 500 • SECAC • 30535-901 • BELO HORIZONTE • MG • BRASIL nonada@pucminas.br — (31) 3319.4421/4901

CAPA E. M. ESCHER (MOEBIUS STRIP II — 1963) • ILUSTRAÇÕES NÁSSARA/ATHOS BULCÃO DIAGRAMAÇÃO EMS EDITORAÇÃO ELETRÔNICA/MAGALHAES.SALES@GMAIL.COM • (31) 3041.1113



Conselho inspirador: Alberto Manguel [1948]: Aleksandr Pushkin [1799-1837]: Ambrose Bierce [1842-1914]: Andreas Vesalius [1514-1564]; Antonì Gaudi [1852-1926]; Anna Akhmátova [1889-1966]; António Vieira [1608-1697]; Antonio Vivaldi [1678-1741]; Arnaldo Antunes [1960]: Artur Rimbaud [1854-1891]: Arthur Schnitzler [1862-1931]: Augusto de Campos [1931]: Charles Baudelaire [1821-1867]; Cássio Loredano [1948]; Claudio Magris [1939]; Diego Velásquez [1599-1660]; Don Quijote de la Mancha [1605]; e.e. cummings [1894-1962]; Edgar Allan Poe [1809-1849]; E. M. Cioran [1911-1997]; Émile Chartier, dit Alain [1868-1951]; Erik Satie [1866-1925]; Fernando Pessoa [1888-1935]; Fiodor M. Dostoievski [1821-1881]; Francisco Goya [1746-1828]; François Rabelais [ca. 1495-1553]; Franz Kafka [1883-1924]; Friedrich Nietzsche [1844-1900]; Geoffrey Chaucer [1343-1400]; Georg Christoph Lichtenberg [1742-1799]; George Gordon Byron [1788-1824]; Gian Lorenzo Bernini [1598-1680]; Gilbert Keith Chesterton [1874-1936]; Giovanni Baptista Piranesi [1720-1778]; Giovani Casanova [1725-1780]; Giuseppe Sanmartino [1720-1793]; Guido Crepax [1933-2003]; Guillermo Cabrera Infante [1929-2005]; Guy de Maupassant [1850-1893]; Guimarães Rosa [1908-1967]; Gustave Doré [1832-1883]; Gustave Flaubert [1821-1880]; Gustav Mahler [1860-1911]; Gyula Krúdy [1878-1933]; Hamlet; Falstaff [1601]; Harold Bloom [1930]: Henry James [1843-1916]: Honoré Daumier [1808-1879]: Immanuel Kant [1724-1804]: Italo Calvino [1923-1985]: Itamar Assumpção [1940-2003]: J. Carlos [1884-1950]: Jean Honoré Fragonard [1732-1806]: Johannes Vermeer [1632-1675]; Johann Sebastian Bach [1685-1750]; John Coltrane [1926-1967]; John Keats [1795-1821]; Jonathan Swift [1667-1745]; Jorge Luis Borges [1899-1986]; Juó Bananère [1892-1933]; La Rochefocauld [1616-1680]; Laurence Sterne [1713-1768]; Lewis Carrol (1832-1898]; Liév Tolstoi [1828-1910]; Luís Fernando Veríssimo [1936]; M. C. Escher [1898-1972]; Madame Emma Bovary [1857]; Mafalda, de Quino; Marcel Proust [1871-1922]; Michelangelo Merisi, Caravaggio [1571-1610]; Michel Eyquen da Montaigne [1513-1592]; Miguel de Cervantes [1547-1616]; Miles Davis [1926-1991]; Millôr Fernandes [1924]; Oscar Wilde [1854-1900]; Paolo Cagliari Veronese [1528-1588]; Paulo Leminski [1924-1989]; Percy Bysshe Shelley [1792-1822]; Pier Paul Rubens [1577-1640]; Piero della Francesca [1420-1492]; Publio Ovidio Naso [42 a.C.-17 d.C.]; René Magritte [1898-1967]; Rembrandt Harmenzoon van Rijn [1606-1669]; Sandor Márai [1900-1989]; Stanley Kubrick [1928-1999]; Valentina [1965]; Veuve Cliquot de Ponsardin; Riobaldo Tatarana [1956]; Robert Louis Stevenson [1850-1894]; Saul Steinberg [1914-1999]; Sigmund Freud [1856-1939]; William Hogart [1697-1764]; William Morris [1834-1896]; William Shakespeare [1564-1616]; William Wordsworth [1770-1850]; Wolfgang Amadeus Mozart [1756-1791]; Vicente Huidobro [1893-1948]; Yo Yo Ma [1955].



(1)

